

**O SAGRADO EM HÖLDERLIN A PARTIR DE *UMA* LEITURA DE MARTIN HEIDEGGER**

[THE SACRED IN HÖLDERLIN FROM A READING BY MARTIN HEIDEGGER]

**Affonso Henrique Vieira da Costa**[affonso.henrique@uol.com.br](mailto:affonso.henrique@uol.com.br)

*É graduado em Filosofia (Bacharelado) e em Ciências Sociais (Bacharelado e Licenciatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Possui também Mestrado em Filosofia (2003) e Doutorado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2010), onde defendeu a Tese “Verdade, Técnica e Arte em Martin Heidegger (A caminho da essência da obra de arte)”. Atua como Professor Adjunto na área de Filosofia e Educação do Departamento de Educação e Sociedade do Instituto Multidisciplinar da UFRRJ e é também professor do Mestrado em Filosofia do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFRRJ, na linha “Ontologia, Conhecimento e Linguagem”.*

DOI: [10.25244/tf.v14i1.3533](https://doi.org/10.25244/tf.v14i1.3533)

Recebido em: 27 de março de 2021. Aprovado em: 14 de julho de 2021

Caicó, ano 14, n. 1, 2021, p. 69-83  
ISSN 1984-5561 - DOI: [10.25244/tf.v14i1.3533](https://doi.org/10.25244/tf.v14i1.3533)  
Dossiê Sagrado e poesia no pensamento de Heidegger



DOI: 10.25244/uf.v12i2.8

O sagrado em Hölderlin a partir de *uma* leitura de Martin Heidegger  
COSTA, Affonso Henrique Vieira da

**Resumo:** Esse trabalho é uma tentativa de interpretação do Sagrado em Hölderlin, a partir de uma leitura de Martin Heidegger.

**Palavras-chave:** Natureza. Sagrado. Hölderlin. Heidegger.

**Abstract:** Our work is an attempt to interpret the Sacred in Holderlin poetry, from a reading by Heidegger

**Keywords:** Nature. Sacred. Hölderlin. Heidegger.

## I

O título desse trabalho encaminha para uma tentativa de interpretação do Sagrado em Hölderlin. Mais do que isso, pretende pensá-lo, de um lado, desde *uma* determinada leitura, a saber, a de Martin Heidegger. Com isso, podemos dizer que procuraremos nos aproximar de ambos. Essa cautela se dá muito mais em função da gravidade do tema e pelo pudor daquele que pretende encará-lo. Por outro lado, o tema também evoca caminhos, dificuldades no percurso, modos com os quais talvez seja preciso ir ao seu encontro, de maneira a poder vislumbrá-lo dentro daquilo que é possível, sem querer agarrá-lo, mas antes, deixar que se apresente naquilo que ele é e que ele não é, e que provavelmente venha a se evadir quando da tentativa de tentar retê-lo. Deixar, portanto, que a questão acerca do que é o Sagrado se apresente, desde a leitura que Heidegger faz de Hölderlin, significa abrir caminhos que propiciem uma investigação do tema ora proposto. Tema difícil, pois o próprio filósofo nos diz que “As ‘sensações’, ‘realizações’ e ‘sucessos’ ‘mundanos’ não são mais que ocasiões; pois algo mundano não poderia em momento algum efetuar, por si mesmo, a chegada do Sagrado”. (HEIDEEGER, 2013, p. 77).

Diante disso, seguiremos os passos do filósofo, cujo ponto de partida é um poema inacabado, que data de 1800, e reorganizado por Norbert von Hellingrath, publicado em 1910. Trata-se do poema “Assim como em dia santo...”, que também dá nome ao texto de Heidegger presente no livro *Erläuterungen zu Hölderlins Dichtung*, traduzido por Claudia Drucker por *Explicações da poesia de Hölderlin*.

Diz o poema:

Assim como em dia santo, para ver os campos,  
o lavrador sai, pela manhã, quando  
da noite quente caíram os relâmpagos refrescantes  
todo esse tempo e o trovão ruge ainda ao longe,  
o rio regressa de novo ao seu leito,  
e fresco o solo verdeja,  
e da chuva alegre do céu  
goteja a videira, e resplendentes  
ao sol tranquilo se erguem as árvores do bosque:

Assim se erguem eles em tempo propício,  
aqueles, a quem nenhum mestre só, a quem maravilhosa  
e onipresente educa e cria em leve enlace  
a potente, a divinamente bela Natureza.  
Por isso, quando ela parece dormir em certas estações do ano  
no céu ou entre as plantas ou nos povos,  
se enche de luto também a face dos poetas,  
parecem estar sozinhos, mas eles pressentem sempre.  
Pois, pressentindo, ela própria repousa também.

Agora, porém, rompe o dia! Eu esperava e via-o vir,  
e o que vi, o Sagrado, seja o meu Verbo.  
Pois ela, ela mesma, que é mais velha que os tempos  
e está acima dos deuses do Oeste e do Oriente,

DOI: 10.25244/tf.v12i2.8

**O sagrado em Hölderlin a partir de *uma* leitura de Martin Heidegger**

COSTA, Affonso Henrique Vieira da

a Natureza acordou agora com ruído de armas,  
e do alto do Éter até ao fundo do abismo  
segundo lei fixa, como outrora saído do Caos sagrado,  
sente-se de novo o entusiasmo  
que tudo cria.

E como no olhar do homem brilha um fogo  
quando concebeu altas coisas, assim  
se incendia de novo c'os sinais, c'os feitos do mundo agora,  
um fogo na alma dos poetas.  
E o que outrora aconteceu, mas mal se sentiu,  
eis que só agora se revela,  
e as que a sorrir nos lavraram o campo  
em figura de escravos, são-te agora conhecidas,  
as sempre vivas, as forças dos deuses.

Queres interrogá-los?: na canção sopra seu espírito,  
quando do sol do dia e da terra quente  
ela desperta, ou das trovoadas do ar, e de outras  
que, mais preparadas nas funduras do tempo  
e mais ricas de sentido e a nós mais distintas,  
vagueiam entre terra e céu e entre os povos.  
Pensamentos do espírito comum são,  
que acabam calmos na alma do poeta,

tais que ela, ferida de repente, há muito já  
patente ao Infinito, treme de recordação,  
e, inflamada do raio sagrado, lhe é dado  
o fruto nascido em amor, obra de deuses e homens,  
o canto, que a ambos dê testemunho.  
Assim caiu, como os poetas contam, por ela desejar  
ver com os olhos do deus, o seu raio sobre a casa de Sêmele,  
e ela, ferida do deus, pariu,  
fruto da trovoadada, o Baco sagrado.

E por isso bebem fogo celeste agora  
os filhos da terra sem perigo.  
Mas a nós cabe, sob as trovoadas do deus,  
ó poetas! permanecer de cabeça descoberta,  
e com a própria mão agarrar o raio do Pai,  
o próprio raio, e oculta na canção,  
oferecer ao povo a dádiva celeste.  
Pois se nós formos puros de coração  
como crianças, e as nossas mãos sem culpa,

o raio do Pai, o puro, não o queimará,  
e, fundamente abalado, sofrendo do mais forte  
as dores, o coração eterno contudo fica firme. (HEIDEGGER, 2013, p. 61-63).

Em um primeiro momento somos lançados ao poema e, ao fazermos uma primeira leitura, notamos, tal como o filósofo, sua distribuição em estrofes, seus versos, pontuações, etc.

Mas o que nos espanta também, depois dessa leitura, é o fato de sua publicação acontecer 110 anos depois, na efervescência de uma Europa preparando-se para a guerra. E isso é importante porque a fuga dos deuses, cantada pelo poeta em outros de seus poemas, e o processo de desertificação da Terra encontram-se em pleno desdobramento no início do século XX, quando o poema em questão, recentemente publicado, parece ecoar diante e distante desse grande vazio que se espalha na contemporaneidade.

A importância de se seguir o passo-a-passo do poema é que assim fazemos com que ele se mostre desde si mesmo, auscultando-o em seus momentos de transições e apreendendo o seu conjunto que tudo amarra, como um edifício em que cada andar, desde a sua fundação, contribui para a elevação do todo.

Deste modo, tal como Heidegger, ao lermos a sua primeira estrofe, parece que estamos diante de um quadro. Nele, podemos ver: Depois de uma noite quente, tal como se fosse feriado – um dia santo –, o camponês sai de casa, ainda tomado pelo receio dos relâmpagos e das trovoadas da noite anterior, quando a chuva precipitou-se por sobre o bosque. O camponês solitário, no centro, entre o céu e a terra, entre a luz e a escuridão, entre a possibilidade da colheita e também de sua destruição, pressentindo tanto a vida como a morte, sente-se envolvido por tudo, na calma de seu ser, esperançoso com o novo dia que se abre, com o solo verdejante e a videira que goteja a chuva alegre do céu. Ele se sente pleno tal como as árvores do bosque que se erguem resplendentes ao sol tranquilo. “O fruto e o homem estão abrigados pela graça que rege a terra e o céu, e que concede algo permanente”. (HEIDEGGER, 2013, p. 64).

No entanto, o filósofo nos chama a atenção, em um primeiro momento, para o início dessa primeira estrofe, que começa com um “Assim como”; depois, para o seu fim, que apresenta o sinal de dois pontos, e, em concluindo, para o início da segunda estrofe, que se inicia com um “Assim”. Então, segundo essa observação, poderíamos, com toda licença, dizer: “Assim como o camponês: assim se erguem eles em tempo propício”. Quem são eles? Eles são os poetas. São

Aqueles, a quem nenhum mestre só, a quem maravilhosa  
e onipresente educa e cria em leve enlace  
a potente, a divinamente bela Natureza. (HEIDEGGER, 2013, p. 64).

Os poetas são criados e educados em leve enlace pela Natureza, a potente e divinamente bela. Essa criação e essa educação, conforme nos indica o filósofo, nada têm a ver com ensino e aprendizagem, no sentido da obtenção de conhecimentos. Porém, muito mais radical do que isso, posto que bem anterior, mais originário, trata-se de um educar e criar para o fundo extraordinário da própria existência, em uma participação com o próprio eclodir da realidade. Educar aqui é tomado como o que propicia o enlace, no sentido do encontro com a potente, com aquela que consigo traz a força de aparição de tudo o que é. O enlace é o que unifica, o que a partir de si reúne homens e deuses, céu e terra. O fundo acolhedor de tudo quanto há e é, é a Natureza. Ela, na sua onipresença, atravessa tudo. O ser desde a compreensão de seu próprio modo de ser, como no caso do lavrador, que é o que é, no entre-ser de terra e céu, e que dá graças ao que vem sob as trovoadas do deus na noite mais funda, à espera da claridade do dia, e que faz aparecer o fruto da videira, é o que também se mostra para os poetas que, assim como o lavrador, entre céu e terra, entre noite e dia, entre claridade e escuridão, esperam pela canção cuja palavra reúne tudo em um.

O enlace, nesse sentido, é o que deixa cada um ser o que é no seio de todas as tensões e oposições. Ao enlaçar em sua unidade, a Natureza onipresente tudo arrebatava em uma conjunção que faz aparecer o que é em um entrelaçamento revelador de sua força. Ao atrair todos para o seio dessa unidade, ela também provoca um arrebatamento. Daí um brilho emerge com a eclosão do todo.

A natureza onipresente atrai e arrebatava. A simultaneidade de atração e arrebatamento é, contudo, a essência do belo. A beleza deixa que os contrários sejam contrários, deixa que as relações recíprocas encontrem sua unidade, e assim deixa que tudo esteja presente em tudo a partir da pureza do completamente diverso. A beleza é o onipresente. (HEIDEGGER, 2013, p. 66).

Mas como o completamente diverso pode ver-se como o diverso? Melhor: Como cada um pode ver-se naquilo que cada um é? Mortais e imortais, céu e terra são o que são a partir da entrega ao fundo da natureza onipresente. Essa entrega, que faz de cada um o que cada um é na unidade do todo, só se consuma desde o atravessamento da Natureza que tudo abarca com o seu arrebatamento e o arrebatamento de todos. Mas o que Hölderlin quer dizer aqui com Natureza?

Natureza jamais é pensada aqui como um ente. Ela é o próprio aberto desde o qual tudo o que é vem à luz: o céu, a terra, os mortais e os imortais.

Natureza em grego é *phýsis*. A tradução por *natura* é tardia e nela há uma tendência cada vez maior de tomar a natureza como um setor da realidade, no interior do qual ela mesma será cada vez mais disposta (apreendida) de maneira objetiva. Essa tradução, portanto, não é condizente com a experiência grega de pensamento. *Phýsis* é eclosão, florescimento, brotação, “é o provir e o rebentar, é o abrir-se que, ao rebentar, ao mesmo tempo retorna para a proveniência e se encerra naquilo que concede a todo presente a sua presença”. (HEIDEGGER, 2013, p. 69).

Entretanto, esse retorno para a proveniência é o seu retirar-se e resguardar-se no aberto. Ela dá o que assim se apresenta e se resguarda em sua clareira. O seu dar-se é o próprio rebentar, o florescimento do que é. O apresentar-se em seu rebentar é o próprio enlace que arrebatava em atraindo para si os poetas, dispondo-os desde o seu fundo, seu modo de ser mais próprio, à essência mesma da Natureza. Esse dispor-se faz com que os poetas sejam na medida da Natureza, de maneira que, em participando de sua eclosão, deixam-se também conduzir pelo seu retraimento, resguardando-se, assim, no aberto de seu dar-se. Por isso, Hölderlin diz que

... quando ela [a Natureza] parece dormir em certas estações do ano  
no céu ou entre as plantas ou nos povos,  
se enche de luto a face dos poetas,  
parecem estar sozinhos, mas eles pressentem sempre.

O que seria esse pressentimento em meio ao luto pelo distanciamento da natureza quando esta parece dormir em certas estações do ano? Este pressentimento é todo um ser e estar à disposição da Natureza, de seu movimento de dar-se e recolher-se. O repouso da Natureza, seu

recolhimento, “não significa de modo algum o fim do movimento. O repouso é o recolher-se em torno do começo que em todo movimento está presente, e da chegada de tal começo”. (HEIDEGGER, 2013, p. 68).

Por outro lado, diz-nos Heidegger, “a Natureza, em repouso, também presente” (HEIDEGGER, 2013, p. 68). Ela encontra-se toda centrada e concentrada no que há de vir. “Sua chegada é a presença da onipresença e, portanto, a essência desta”. (HEIDEGGER, 2013, p. 68).

Diante disso, os poetas são aqueles que, em pressentindo, na correspondência com a Natureza, são os que esperam o que há de vir. São, como Hölderlin os chama, os Vindouros. Eles preparam o advir e, justamente por isso, a essência da Natureza é tomada como medida para tudo aquilo que fazem e que deixam de fazer. São o que são desde o seu movimento mais próprio. Assim como o lavrador está sempre disposto às intempéries, à espera do dar-se do fruto da videira, entregue à potência onipresente da Natureza, assim também são os poetas, aqueles que, em correspondendo ao movimento da Natureza, à sua essência, são todos para o que advém desde a proveniência de sua força.

O que advém, no entanto, só se dá, conforme o dito anteriormente, desde o pressentimento, desde a espera do que sobrevém no luto do retraimento. O que sobrevém é sempre o inesperado que já sempre era esperado.

Agora, porém, rompe o dia! Eu esperava e via-o vir,  
E o que vi, o Sagrado, seja o meu verbo. (HEIDEGGER, 2013, p. 70).

A passagem acima nomeia o rebentar da Natureza, sua eclosão. “Agora, porém, rompe o dia!” Esse romper é o que sobrevém da espera na noite. “A noite é o pressentimento do dia”. (HEIDEGGER, 2013, p. 70). A exclamação evoca essa presença do que advém, a saber, do Sagrado, daquilo que já se esperava e que, de algum modo, “via-o vir”. O Sagrado é o que é nomeado pelo poeta quando do advento da Natureza a partir do pressentimento. Ela emerge do fundo da noite trazendo consigo o dia. O dia que o poeta esperava e via chegar antes de chegar.

Soa bastante estranho esse “ver chegar”. Como é possível ver chegar o que ainda não chegou? Os poetas são os Vindouros justamente por estarem anelados à Natureza, correspondendo a ela, e isto significa: estão dispostos e expostos ao seu movimento. Quando do luto por conta de sua distância, ela, a Natureza, embora distante, estava na proximidade. Esse paradoxo é desfeito na experiência do poeta, pois a espera do que está por vir – o pressentimento propriamente dito – pré-vê, antecipa a chegada. Esse pré-sentimento antecipa o que está distante. Ele traz o distante para a proximidade. Ser poeta, neste sentido, é dispor-se a essa antecipação, isto é, entregar o seu ser ao que é mais elevado, melhor: somente ser desde esta altitude. Por isso, Heidegger vai dizer que “Os poetas são os que têm no futuro seu lugar de origem – os Vindouros – cuja essência será medida quando ela mesma tomar a essência da Natureza por medida”.

Mas que tempo é esse cujo futuro é o abrir-se ao mais originário, ou seja, àquilo que sempre já foi? Que medida é esta da qual participam os poetas quando da entrega à essência da Natureza? O que se quer dizer aí com “essência da Natureza”?

## II

Os poetas, por serem os Vindouros, atravessam uma experiência desde a qual isso que é a essência da realidade se revela como o Sagrado. Essa experiência, de algum modo, experimenta o fundo da Natureza desde o “alto do Éter até ao fundo do abismo” (HEIDEGGER, 2013, p. 73). Trata-se de uma experiência de vida e de morte, de estruturação e de desestruturação, de claridade e de escuridão, em que o real se dá não mais fragmentado, mas em uma unidade de sentido. Ele se revela em seu processo de realização, vindo à tona naquilo que ele é. Por isso, Heidegger diz-nos que “‘Éter’ e ‘abismo’ nomeiam ao mesmo tempo os setores mais extremos do real, mas também as divindades supremas. Ambas são perpassadas pelo espírito que entusiasma e inspira”. (HEIDEGGER, 2013, p. 73)..

A experiência do Sagrado, ao mesmo tempo reveladora do Horrível, do aterrorizante, que se dá no seio do Caos, de seu aberto, revela também o enlace que, em o atravessando – o Horrível –, educa os poetas no sentido de poderem ir ao seu encontro (do Sagrado) a partir de uma espera toda afeita ao que há de vir, isto é, a partir do pressentimento. Educar, neste sentido, é preparar para o advento, estar à escuta do que vem à tona, do que rebenta com a aurora, desde uma condução ao aberto, onde homens e deuses, céu e terra encontram-se anelados, cada um sendo o que é junto aos outros.

Pensado, a partir da “natureza” (*physis*), o Caos permanece aquela abertura que se abre a partir do aberto, para que este conceda a cada coisa distinta sua presença delimitada. Eis porque Hölderlin chama o “Caos” e a “selvageria” “santos”. O Caos é o próprio Sagrado. (HEIDEGGER, 2013, p. 76).

O Caos, conforme nos indica Heidegger, é o boquiaberto, isto é, o aberto do abismo que, entreaberto, devora tudo. (HEIDEGGER, 2013, p. 75). A experiência reveladora do Horrível, abrandada pelo enlace reunidor da Natureza, experimenta, em um primeiro momento, o fundo sem fundo, o abismo, este que “recusa qualquer ponto de apoio a algo distinto e fundamentado”. (HEIDEGGER, 2013, p. 75). Entretanto, justamente aí – na experiência no interior da qual os poetas pressentem –, o aberto e sua abissalidade “concedem a cada coisa distinta sua presença delimitada”. Tanto homens quanto deuses são desde este fundo da Natureza, ou seja, desde o Caos Sagrado. Por isso, tudo o que há e é só é o que é por ser mediado pela Natureza. Sua permanência é dela dependente, isto é, são desde seu aparecer. Esta (a Natureza), por sua vez, é sem mediação. Tanto é assim, que Hölderlin nos diz que “O imediato, a rigor, é impossível para mortais bem como para imortais”. (HEIDEGGER, 2013, p. 75). Tudo o que há e é só vem a ser por uma concessão da Natureza, isto é, desde seu rebentar que faz aparecer todo o outro que dela brota. Sem a mediação da Natureza nada haveria. O ser de tudo o que é tem sua proveniência naquilo que é imediato e que, desde o seu resplendor, traz consigo o que Hölderlin chama de “mediação rigorosa”, isto é, a “lei”. Desde sua onipresença imediata, a Natureza “permanece sendo o inaugural, prévia a tudo o mais, originariamente inabalável, ela é a ‘lei fixa’. Conforme a Natureza acorda para si mesma, ela brota de acordo com a própria essência: ‘segundo lei fixa’”. (HEIDEGGER, 2013, p. 75).



A Natureza, por ser inaugural, é anterior ao tempo que é medido pelos homens. Este só existe graças ao seu rebentar, ao seu trazer à luz. Ao rebentar, a Natureza vem à luz trazendo consigo tudo o que há e é. Ou seja: Tudo o que há e é só é à luz da Natureza. Os poetas são aqueles que estão à espera do que vem. Nessa espera, quando a Natureza eclode, os poetas nomeiam o que ela traz consigo, a saber: o Sagrado.

O que é nomeado pelos poetas – a sua própria palavra na canção – é o Sagrado, isto é, aquilo que na palavra poética permanece. É o que sempre já esteve aí e que é resguardado na poesia quando de seu dizer pelos Vindouros. A palavra poética resguarda o viger da Natureza. Ela, por ser poética, revela o originário. Ela jamais é representação. Ela, por ser de acordo com o aparecer do real em seu processo de realização, é pura irrupção, é o próprio ser em floração. Ela inaugura o mundo em seu processo de estruturação. Ela irrompe com o dia, e essa irrupção é o próprio Sagrado, o que vem à palavra tornando-se Verbo. Os poetas são aqueles que, em pressentindo, aguardam pelo que vem. O que vem – aquilo que é por eles pressentido – é o mais antigo, o primeiro que, quando chega, traz novamente o mais novo: o novo como renovação, como um recomeço que tem sua proveniência no mesmo desde o qual a Natureza advém e, em sua essência, revela-se como o Sagrado. Por isso, o acordar da Natureza é sempre promessa, um renascimento que se faz desde o seu rebentar – o próprio romper do dia. “Conforme a Natureza acorda, a sua chegada advém como o vindouro no mais alto grau, a partir do passado mais antigo que nunca envelhece, pois é sempre o mais jovem”. (HEIDEGGER, 2013, p. 76). A temporalidade aqui explicitada não é aquela com a qual os homens diariamente se referem ao cumprir suas ações, seus trabalhos diários. Trata-se de um outro tempo, que vem à presença desde o fundo da Natureza, quando da chegada do Sagrado sempre esperado pelos Vindouros em seu luto pela ausência, pelo recolhimento da própria Natureza. Todo o agir dos poetas, conforme pode ser visto, é de acordo com o movimento da Natureza. Eles são desde ela mesma. Seu modo de ser é um ser na correspondência com as suas exigências. É um doar-se de todo para o que com ela advém e, a partir de sua presença, resguardar na palavra o seu fundo reunidor que traz novamente à tona o enlace de céu e terra, mortais e imortais. Nomear, neste sentido, é fundar, fazer novamente aparecer o que antes já estava aí, porém inaparente, ou seja, de algum modo oculto, aquilo que Heidegger, por exemplo, chama de “quadratura” no texto *A coisa*. Lá, em uma certa altura, ele diz: *Das Ding dingt*. A coisa coisa (coisifica). Isto é: A coisa faz-se coisa. Ela é movimento de estruturação e organização de mudo. Nela, no que é pro-duzido (*poiesis*), emergem céu e terra, mortais e imortais. Esse enlace anelante resguarda o que sempre foi, é e será, o que é o mais antigo. O aparecer da coisa, por exemplo, um cálice sacrificial, traz consigo esse enlace anelante cujo fundo, desde o qual tudo é o que é, é a própria Natureza. É neste sentido que ela “é mais temporal que os ‘tempos’ porque, como maravilhosamente onipresente, já presenteia tudo o que é real, pela primeira vez. Anterior a todo real e todo agir, anterior até aos deuses é a Natureza”. (HEIDEGGER, 2013, p. 72).

### III

Recorremos, ao final da segunda parte desse trabalho, ao texto de Heidegger *A coisa*. E assim o fizemos para destacar que anterior a um sentido sedimentado a partir do qual a tradição determinou todo o ser da realidade, isso que Heidegger nesse texto nomeia de quadratura, a partir da proximidade do quarteto – céu e terra, mortais e imortais –, é o que perfaz a coisa. Melhor: a

coisa, em seu processo de estruturação, de emergenciação, traz consigo os quatro em seu enlace anelante. Aí, diz-nos Heidegger, há proximidade. Os mortais encontram-se, tais como os outros três, consigo mesmos no conjunto dos quatro, em uma reciprocidade, em que cada um aparece como é nessa relação com os outros. É importante que se destaque aí que a coisa jamais é propriamente um produto, mas, antes, bem antes, traz consigo o mundo mundanizando-se, fazendo-se a si mesmo enquanto mundo desde o jogo anelante dos quatro. Caso pensemos assim, a videira, que aparece no início do poema de Hölderlin, e o seu fruto trazem também consigo esse anelo no interior do qual se vê, de algum modo, o lavrador no dia santo. Os deuses aí, ao se apresentarem, trazem consigo também a presença dos outros três a partir do fundo abismal e propiciador – a Natureza, desde o éter até ao abismo, no aberto do Caos Sagrado. Sem entrar em detalhes, mas deixando em parêntesis para ser pensado em outra ocasião, não é à toa que o filósofo diz, nesse mesmo texto, que

Platão pensou a vigência do vigente apenas pelo perfil de seu ser. Assim pensando, ele não pensou a vigência essencial da coisa, como também não o fizeram Aristóteles e todos os pensadores posteriores. De modo decisivo para toda a posteridade, Platão fez a experiência de todo ser vigente, como objeto de pro-dução de um pro-dutor. Em vez de objeto, dizemos, com mais precisão de pensamento: pro-duto. (HEIDEGGER, 2002, p. 146).

É importante também que se destaque que o pensador, no texto *A questão da técnica*, ao fazer referência às quatro causas de Aristóteles, procurando pensar gregamente o que é causa, pergunta-se: “por que existem precisamente quatro causas?”

Quatro, aqui, diferentemente das causas formal, final, eficiente e material, são os mortais e imortais, céu e terra em seu enlace anelante que é jogado desde o aberto do Caos Sagrado, cuja Natureza é pressentida pelos Vindouros, por aqueles que carregam consigo o mais antigo que sempre se renova, que nunca envelhece, e que é o que permanece e faz aparecer mundo – o nomeado pelos poetas. Ali, no texto *A questão da técnica*, Heidegger procura pensar o deixa-viger desde a compreensão grega de causa, *aition* – aquilo pelo que um outro responde e deve. (HEIDEGGER, 2002, p. 14). Já no texto *A coisa*, o filósofo nos diz, acerca da quadratura, que

Nenhum dos quatro insiste numa individualidade separada. Ao contrário. Cada um dos quatro se deixa levar, dentro de sua apropriação, para o que lhe é próprio. Esta apropriação apropriadora é o jogo de espelho e reflexo da quadratura. É a partir dele que a simplicidade dos quatro se fia, confia e compromete. (HEIDEGGER, 2002, p. 157).

#### IV

Após este breve intervalo, retornamos ao texto *Assim como em dia santo...*, de Heidegger. Estávamos não só tentando compreender o enlace anelante, como também o nomear dos poetas que, como os Vindouros, revelam o Sagrado. Então, perguntamos novamente, seguindo as pistas do filósofo e atentando para o poema de Hölderlin: Como é possível que os poetas nomeiem o Sagrado?

Os poetas só podem nomear o Sagrado desde uma experiência radical, a saber, aquela que é capaz de retirá-los de seu lugar habitual e lançá-los no aberto de seu dar-se, lugar de onde os próprios deuses acenam com suas trovoadas. “Sob as trovoadas do deus, com a cabeça descoberta, cabe aos poetas oferecer ao povo a dádiva celeste oculta na canção”. A penúltima estrofe do poema faz-nos pensar na relação entre deuses e homens. A força dos deuses, presente nas trovoadas, provenientes da natureza, é destinada aos poetas, àqueles que, desde o aberto, “podem com a própria mão agarrar o raio do Pai”. Presenteados pelos deuses, os poetas cantam. Sua canção nomeia o que lhes foi enviado para que possam oferecer ao povo aquilo que a eles primeiramente se apresentou.

Assim, o deus toma a seu encargo o que está acima de si mesmo, isto é, o Sagrado, e o condensa, dando-lhe a agudeza e contundência de um único raio que ‘envia’ ao homem, como um presente divino. (HEIDEGGER, 2013, p. 82).

É importante que pensemos aqui em como essa relação apresenta-se em Hölderlin e como ela é interpretada por Heidegger a partir da leitura de seu poema. Dissemos mais acima que a Natureza é o imediato e que, por isso, nem homens e nem deuses estabelecem uma relação imediata com o Sagrado. Isso nos revela a dependência entre ambos para que isso que é o Sagrado venha à tona, realize isso que é o mundo.

Porque nem os homens nem os deuses podem consumir, a partir de si mesmos, uma relação imediata com o Sagrado, os homens precisam dos deuses, e os Celestiais necessitam dos mortais. (HEIDEGGER, 2013, p. 82).

Justamente essa relação entre ambos, na sua justeza, em se doando àquilo que é maior do que eles, sendo na medida do mais elevado, faz deles o que eles verdadeiramente são, a partir do enlace anelante da Natureza e de sua lei. Essa relação acontece desde o que Heidegger chama de “mediação rigorosa”. Rigorosa porque somente a partir dela pode advir o Sagrado como um presente.

É só porque os deuses devem ser deuses e os homens devem ser homens, tal que nenhuns devem existir sem os outros, que há amor entre eles. Mediante a mediação desse amor, contudo, eles nunca pertencem a si mesmos, mas antes ao Sagrado, que é para eles a ‘mediação rigorosa’, a ‘lei’. (HEIDEGGER, 2013, p. 82).

## V

É bastante comum, nas explicações dos críticos acerca desses textos, que Heidegger, de certa maneira, “perdeu-se na poesia”, como se tivesse “imaginado em demasia”. Porém, longe de falarmos contra isso, o que só poderia piorar as coisas, sedimentando uma discussão infrutífera e exterior ao que aí está em causa, deveríamos pensar melhor, neste momento de nosso trabalho, a partir do que é dito no texto apresentado em *A conferência de Atenas*. Parece-nos, assim, que reencaminharíamos o que foi dito aqui, de maneira apenas um tanto inicial, a uma esfera de discussão em que um contraponto poderia acentuar o que é cantado por Hölderlin e que se deixou ouvir desde o início do século XX com o desdobramento do processo de desertificação da terra. Esse contraponto é o mundo em que vivemos hoje e que, de algum modo, já repercutiu nos ouvidos do pensador ao longo do século passado.

Em *A conferência de Atenas*, cujo tema a ser tratado é *A proveniência da arte e a determinação do pensar* (HEIDEGGER, s.d.) , Heidegger procura meditar acerca da proveniência da arte e, com ela, a própria destinação, isto é, aquilo que a tradição nos legou e que, de alguma forma, traz consigo uma lembrança do começo, daquilo que é o mais antigo, que fundou o Ocidente e que, de algum modo, ainda vigora em nossa época histórica. Importante pensarmos aí, tendo conosco o poema de Hölderlin *Assim como em dia santo*, a repercussão desse passado que continua passando e que, com o canto, revigora-se, trazendo consigo aquilo que estava esquecido e que, em meio à civilização técnica, ou se torna inaudível e incompreensível, ou faz com que o homem novamente seja conduzido à abertura de seu ser para lançar-se naquilo a partir do qual isso que é a técnica e a tecnologia podem se revelar na sua estranheza e, portanto, na sua inteireza, desde uma experiência em que se põe em jogo todo um mundo determinado pela essência da técnica. Diz-nos Heidegger, logo no início de sua conferência:

É certo que esse mundo, contabilizado à maneira da Ciência Histórica [*historisch*], pertence ao passado. No entanto, do ponto de vista do seu acontecer histórico [*geschichtlich*], ainda perdura e continua sempre a tornar-se presente, enquanto experiência do nosso destino [*Geschick*]: algo que nos aguarda e de que, pensando, vamos ao encontro, pondo à prova o nosso próprio pensar e dar forma. Pois o início de um destino é o supremo. É ele que rege [*waltet*] de antemão tudo o que depois virá. (HEIDEGGER, s.d., p. 1).

Falar da proveniência da arte, justamente na Grécia, é, pois, deixar que o mundo que aí vigorou e que ainda vigora em seus desdobramentos, revele-se mais uma vez. E isto a partir de um pensamento que novamente traz à tona o modo como a deusa Atena, protetora da cidade,

envolvia os homens desde uma dimensão que estava para além deles mesmos e que fazia deles o que eles realmente eram. No entanto, conforme nos diz o filósofo, “Não podemos sondar até ao fundo a plenitude da sua divindade. Só podemos perscrutar o que Atena nos diz acerca da proveniência da Arte”. (HEIDEGGER, s.d., p. 2).

A deusa Atena, filha de Zeus, é chamada por Homero de “conselheira polifacética”. Ela aconselha os mortais no sentido de eles poderem fazer bem aquilo que fazem, de produzir de maneira excelente aquilo que produzem, de trazerem à tona o que precisa vir à tona. Ela “oferece o seu conselho especial aos homens que produzem utensílios, ânforas e adornos”. (HEIDEGGER, s.d., p. 2). E, o mais importante: “mesmo quando presta socorro é invisível e longínqua, lá das alturas da sua divindade”. (HEIDEGGER, s.d., p. 2). Aqueles a quem ela auxilia com os seus múltiplos conselhos são os *technitai*, os que, na produção, detém a *téchne*, isto é, um saber propriíssimo que faz aparecer isso que aí antes não era, que faz vigor aquilo que antes aí não vigorava. Os *technitai*, na sua relação com a deusa, trazem à luz as coisas, ou seja, o próprio mundo que, com elas, aparece. Não é à toa que tal relação é pensada por Heidegger quando ele cita Píndaro, que, na VIIª Ode Olímpica, em honra da ilha de Rodes e dos seus habitantes, canta: “Mas foi a de olhos brilhantes, ela própria, quem lhes concedeu, em qualquer arte, superar com o melhor trabalho manual todos os que habitam a terra”. (HEIDEGGER, s.d., p. 3).

Essa relação faz-nos lembrar daquele enlace anelante exposto por Heidegger quando da interpretação do poema de Hölderlin *Assim como em dia santo*. A produção aí, conforme vimos, não gera um mero produto, mas faz aparecer esse enlace desde o pressentimento do que há de vir. Com isso, a deusa, ao se aproximar dos mortais, faz com que eles tenham tal pressentimento, ou seja, uma pré-visão do que vem à luz. A deusa, quando da aproximação, passa a ser chamada também de *glaukópis*, isto é, aquela cujo olhar brilha e torna brilhante tudo aquilo que vê. “Por isso pertence-lhe, como sinal da sua essência, a coruja, *gláuks*, cujo olhar não só é ardentemente cintilante, como atravessa a noite, tornando visível o que, senão, seria invisível”. (HEIDEGGER, s.d., p. 3).

A questão decisiva que Heidegger coloca, depois do exposto acima, é a seguinte: “Para onde se dirige o olhar que aconselha e alumia da deusa Atena?”. (HEIDEGGER, s.d., p. 3).

No Museu da Acrópole, a deusa Atena, tomada como a que medita, *skeptoméne*, dirige seu olhar à pedra-marco, ao limite fronteiro desde o qual tudo o que há e é vem a ser. Ou seja: desde o qual não só as obras feitas pelos homens surgem, como também aquelas que deles não necessitam para vir à tona. O olhar de Atena se dirige à fronteira a partir da qual todas as coisas vêm à presença. É no âmbito dessa fronteira, desde os limites de tudo o que é, que o olhar da deusa repousa. Sua meditação se faz desde o abismo a partir do qual as coisas são o que são. Esse vir à luz desde si mesmo a partir da fronteira (do limite entre ser e não ser) os gregos nomearam de *phýsis*. Também o vir à luz das coisas que dependem dos homens para aparecerem, emerge desde essa fronteira em que repousa o olhar da deusa e foi nomeado pelos gregos de *téchne*. A *téchne* “corresponde à *phýsis* sem por isso ser reprodução ou cópia do já presente”. (HEIDEGGER, s.d., p. 5). O mistério de *phýsis* e *téchne*, o seu mútuo pertencimento, o seu entrelaçamento no aparecer de tudo o que é, desde a fronteira para a qual se dirige o olhar da deusa, dá o que pensar. E dizemos isso tendo em vista o que Hölderlin chama de Natureza em seu poema. A deusa aparece aqui como a doadora do que provém da fronteira. Essa doação é tomada pelos mortais, por aqueles que podem recebê-la, dispondo, assim, essa dádiva ao povo, configurando um mundo desde o enlace anelante.

É importante ressaltar que logo em seguida, nessa mesma conferência, Heidegger vai citar um fragmento de Heráclito que diz que “O raio dirige tudo o que é”. E assim esclarece essa citação: “Quer isto dizer: o raio leva e guia o aparecer do que se apresenta cunhado a partir de si

mesmo. O raio é o que é lançado por Zeus, o deus supremo. E Atena? É a filha de Zeus”. (HEIDEGGER, s.d., p. 5).

É justamente a filha de Zeus a deusa que repousa seu olhar na fronteira, olhar meditativo acerca da proveniência do que advém. No enlace anelante de céu e terra, mortais e imortais, o que emerge da fronteira, a Natureza, e com ela sua essência – o Sagrado – aparecem como presente a ser enviado ao povo. Atena, justamente por ser filha de Zeus, detém um saber acerca do raio do Pai. Por isso, Heidegger faz questão de dizer que “o poeta Ésquilo, na cena final da trilogia de Agamémnon, que se desenrola no areópago de Atenas (*Euménides*, 827 e ss.), faz Atena dizer: Só eu, entre os deuses, conheço a chave da casa em que, encerrado e selado, o raio repousa”. (HEIDEGGER, s.d., p. 5).

Observemos o quão próxima encontra-se esta passagem de Ésquilo dos versos de Hölderlin, que dizem, no modo como os citamos anteriormente: “Sob as trovoadas do deus, com a cabeça descoberta, cabe aos poetas oferecer ao povo a dádiva celeste oculta na canção”.

Mas não estaremos hoje, no âmbito de um circuito cibernético cada vez mais amplo e mais fechado em si mesmo, mais distantes ainda desse desnudamento que nos impõe a experiência com o divino?

Talvez, por pensar gravemente na questão acima, Heidegger, na mesma Conferência, citando novamente Hölderlin, em uma passagem da quarta estrofe da elegia *Pão e vinho*, faz ecoar as palavras do poeta que, na nossa época histórica, experimentou, talvez pela primeira vez e de maneira decisiva, a fuga dos deuses: “Onde, onde resplandecem as sentenças que fundo transem? / Delfos adormecida, onde ressoa o grão Destino?”. (HEIDEGGER, s.d., p. 6).

Quase trinta anos depois, essa Conferência apareceu e, com ela, questões que se fizeram presentes bem antes nos livros *Ensaios e conferências* e *Explicações da poesia de Hölderlin*. Questões que continuam nos provocando nesse primeiro quarto do século XXI, quando se avolumam de modo impressionante as descobertas tecnológicas e, com elas, todas as tensões e contradições expostas pelo estreitamento cada vez maior do globo terrestre, onde, como já nos ensinou o filósofo, experimentando o pensamento acerca do enlace anelante, disse que “a supressão apressada de todo distanciamento não traz proximidade”. E que “proximidade não é pouca distância”. (HEIDEGGER, 2002, p. 143). Quem sabe, talvez, pressentindo a fuga dos deuses, trazendo para junto de cada um a ausência de sua presença, ou a presença de sua ausência, possamos um dia, em meio à desertificação da terra, fazer novamente a experiência da proximidade do divino.

## Referências

HEIDEGGER, Martin. Assim como em dia santo... . *In: Explicações da poesia de Hölderlin*. Tradução de Cláudia Drucker Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

HEIDEGGER, Martin. A coisa. *In: Ensaios e conferências*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 146.

DOI: 10.25244/tf.v12i2.8

**O sagrado em Hölderlin a partir de *uma* leitura de Martin Heidegger**  
COSTA, Affonso Henrique Vieira da

HEIDEGGER, Martin. A questão da técnica. *In: Ensaios e conferências*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes, 2002.

HEIDEGGER, Martin. **A proveniência da arte e a determinação do pensar**. Tradução de Irene Borges-Duarte. Retirado da internet em <https://docero.com.br/doc/nsx0s>, [s.d.]